



# Luladrão e Bolsonazi: um estudo do neologismo como recurso avaliativo em mídia social

Karen Tank Mercuri

Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7623-5290>

k001935@dac.unicamp.br

## RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar criações neológicas como recurso avaliativo em mídia social. Para isso, foram analisados comentários sobre postagens da página de verificação de notícias, agência Lupa, no Facebook, próximo ao segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, em 2018. Devido à predominância de discursos de ódio, optou-se por analisar os neologismos que expressavam avaliação negativa desses candidatos e de seus apoiadores, sob a perspectiva dos campos semânticos do sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), na busca de possíveis padrões linguísticos. Para melhor compreensão de como os neologismos eram construídos, recorreu-se ao processo de formação de palavras da gramática da língua portuguesa (CUNHA e CINTRA, 2016). Notou-se que há uma preferência pelo processo de composição por aglutinação e, na maioria dos comentários analisados, o neologismo acrescentava uma avaliação diferente do complexo oracional. Em termos de padrão, somente em relação ao ex-presidente Lula há um único tipo de julgamento: o de propriedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídias sociais; Política; Discurso de ódio; Avaliatividade; Neologismo.

***Luladrão and Bolsonazi:*** a study of neologism in Brazilian Portuguese as an evaluative resource in social media

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze neological creations in Brazilian Portuguese as an evaluative resource in social media. For this, comments were analyzed on posts on the news verification page, Lupa agency, on Facebook, close to the second round of presidential elections in Brazil, in 2018. Due to the predominance of hate discourse, it was decided to analyze the neologisms that expressed a negative appraisal of these candidates and their supporters, from the perspective of the semantic fields of Appraisal Discourse (MARTIN and WHITE, 2005), in search of possible linguistic patterns. For a better understanding of how neologisms happened, the process of word formation in the grammar of the Portuguese language was used (CUNHA and CINTRA, 2016). As a result, there is a preference for the composition process by agglutination and in the majority of cases analyzed the neologism added a different appraisal of the clause complex. In terms of standard, only in relation to former president Lula is there a single type of judgment: property.

**KEYWORDS:** Social medias; Policy; Hate discourse; Appraisal; Neologism.



## 1. Introdução

As mídias sociais possibilitaram, dentre outras coisas, que pessoas se posicionassem politicamente. Mais do que isso, “as mídias sociais, principalmente o Facebook, tornaram-se fortes dispositivos de formação ideológica que permitiram a proliferação ideológica polarizada dentro da rede” (BRUGNAGO e CHAIA, 2015). Desde as eleições de 2014, as pessoas passaram a ser divididas em dois grupos: esquerda e direita, na lógica do condomínio (SAFATLE, 2016), em que os iguais se fecham entre si para combater aqueles que são externos ao grupo.

Não diferentemente nas preparações para as eleições de 2018, os discursos de ódio contra o grupo, ou candidato adversário, tornaram-se importante estratégia, para convencer o maior número de eleitores (MERCURI e LIMA-LOPES, 2020), não importando a veracidade dos assuntos trazidos em pauta. Preocupados com a desinformação, a proliferação das chamadas *fake news*, surgiram algumas agências de checagem, dentre elas a Agência Lupa<sup>1</sup>, cuja página no Facebook é seguida por quase 190 mil usuários.

Diante desse cenário, foram coletados, por meio de raspagem de dados automatizada, comentários provenientes dessa página, a fim de verificar, inicialmente, a posição dos usuários diante de checagens da agência, sobretudo de notícias falsas propagadas via *WhatsApp* e dos discursos dos candidatos. Entretanto, assim como no trabalho de Lima-Lopes et al. (2020), notou-se que a interação entre os usuários não era para discutir as postagens da Lupa, mas sim atacar o candidato adversário e/ou seu grupo de apoiadores. Observou-se, ainda, que as manifestações ofensivas não só estavam instanciadas em orações, como também na criação de léxico, especialmente envolvendo nomes de candidatos.

Por isso, considerou-se importante analisar essas criações neológicas, assim como fizeram Schlee e Costa (2021), que mostraram ser possível a análise de neologismos, formados com o sufixo -ação, sob a perspectiva sistêmico-funcional da linguagem (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e Lima-Lopes e Arruda (2021), que analisaram essas construções no *Youtube*, com foco na gradação, guiados pelo Sistema de Avaliatividade (ou simplesmente avaliatividade) (MARTIN e WHITE, 2005), uma teoria advinda da Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF. Este artigo se diferencia de trabalhos, como de Schlee e Costa (2021), que possuem foco em um único processo neológico (sufixação), e de Lima-Lopes e Arruda (2021), que refletem sobre as formas de gradação como reforço positivo. Este trabalho se debruça, por conseguinte, sobre os discursos de ódio, inflamados pela polarização política, identificando as classificações de derivação e composição encontradas no *corpus*.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar os neologismos, com motivação política, presentes nos comentários coletados da página da Agência Lupa, procurando identificar padrões tanto de formação lexical como de avaliação. Embora o foco deste artigo seja o léxico, ele não é desvinculado de um contexto imediato e cultural e da interação entre os participantes do ato

<sup>1</sup> A Agência Lupa é uma plataforma de combate à desinformação através do *fact-checking* e da educação midiática. Integra a International Fact-Checking Network (IFCN), rede mundial de checadores reunidos em torno do Poynter Institute, nos Estados Unidos. Disponível em: [https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-selecionamos-as-frases-que-serao-checadas/?utm\\_source=Search&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=lupa5anos](https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-selecionamos-as-frases-que-serao-checadas/?utm_source=Search&utm_medium=cpc&utm_campaign=lupa5anos). Acesso em: 20 mar. 2020.

comunicativo (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e, por isso, visa também a verificar a avaliatividade presente na oração ou no complexo oracional dos comentários.

Para os objetivos deste artigo, o sistema da Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005) é necessário, para se definir os tipos de afetos e julgamentos instanciados nos léxicos e nas orações; já o processo de formação de palavras (CUNHA e CINTRA, 2016), é requerido para entender qual é o movimento criativo e produtivo (AZEREDO, 2008), dos usuários do *Facebook*, nessa situação específica.

## 2. A formação de palavras em língua portuguesa e o neologismo

Na gramática da língua portuguesa (CUNHA e CINTRA, 2016), a palavra é definida como uma unidade de som e significado que compõe uma frase. No entanto, há ainda uma unidade significativa mínima denominada morfema. Há morfemas gramaticais e morfemas lexicais, estes são tradicionalmente chamados de radical. A ele podem se agregar uma desinência (verbal ou nominal), um afixo (prefixo e/ou sufixo) ou ainda uma vogal temática.

Com base nos morfemas lexicais, novas unidades são criadas por meio de processos morfossintáticos (DUBOIS et al., 1973). Essa formação de novas palavras pode ser, principalmente, por derivação ou composição<sup>2</sup>. O processo de derivação subdivide-se em: prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria. Já a formação de palavras por composição, pode ser por justaposição ou aglutinação.

Dentre os processos de derivação, primeiramente, serão estudados os provenientes de acréscimo de afixos, objetivando a ampliação da palavra primitiva. O primeiro deles é a derivação prefixal, que ocorre quando um prefixo se une ao radical (CUNHA e CINTRA, 2016). Por outro lado, a derivação sufixal ocorre quando um sufixo se junta ao término do radical, formando uma nova palavra, a qual pode ser um substantivo, verbo ou advérbio (CUNHA e CINTRA, 2016). Já na derivação parassintética, o prefixo e o sufixo se aglutinam ao mesmo tempo ao radical (CUNHA e CINTRA, 2016). Em segundo lugar, há um processo em que ocorre exatamente o inverso: a redução da palavra derivante e, por isso, é conhecido como derivação regressiva. Ressalta-se nessa derivação a criação de substantivos deverbais (CUNHA e CINTRA, 2016). Por fim, o processo de derivação imprópria consiste em mudar a classe gramatical de uma palavra, sem que ela mude de forma, normalmente, acrescentando um artigo (CUNHA e CINTRA, 2016).

Segundo esses autores, o processo de composição consiste em formar uma nova palavra pela junção de dois ou mais radicais, podendo ser: (i) justapostos, sem perderem a sua integridade, ou (ii) intimamente unidos, com perda de integridade silábica. O primeiro processo é chamado de composição por justaposição e o segundo, de composição por aglutinação.

Além desses processos, ressalta-se a criação vocabular que consiste em reduzir títulos em siglas. Partidos políticos, por exemplo, são mais conhecidos por suas siglas do que pelas deno-

<sup>2</sup> Ressalta-se que os processos de derivação e composição, embora sejam os tradicionalmente ensinados, não são os únicos na formação de palavras, tal como observa Cunha e Cintra (2016). Mais adiante, serão mencionados, ainda, os processos de criação a partir de siglas e de abreviação vocabular.



minações completas (CUNHA e CINTRA, 2016). Uma vez popularizado o seu uso, a sigla passa a ser utilizada como uma palavra primitiva capaz de formar derivados. Destaca-se, também, a criação pela abreviação vocabular, que consiste em reduzir frases ou palavras até um limite que não interfira na compreensão (CUNHA e CINTRA, 2016).

Assim, vai se formando o léxico, conjunto de palavras que faz parte de uma língua (BASILIO, 2014). Todas as línguas possuem um acervo lexical à disposição do falante/escritor. No entanto, com o passar do tempo, devido aos aspectos sociais, políticos, econômicos (entre outros), algumas palavras caem em desuso, outras ganham novos significados ou, ainda, surgem palavras novas, para atender à necessidade comunicativa em certos contextos ou meios de comunicação.

Essa criação de novas unidades léxicas, ou seja, processo pelo qual a língua se altera, é denominada neologia e as formas resultantes, de neologismos (ALVES, 2007). Para Azeredo (2008), o processo de criação ocorre a fim de garantir maior eficiência ao sistema linguístico. Estão envolvidas nesse processo a criatividade, que é idiossincrática e particular, e a produtividade, que atende a um coletivo e é sistematizada.

A palavra nova pode ser dicionarizada ou não. Embora o dicionário represente legitimamente o vocabulário de uma comunidade, o fato de uma palavra não constar de seu registro não impede que seja reconhecido o processo criativo de um neologismo pela comunidade linguística (SCHLEE e COSTA, 2021).

Sendo assim, para analisar a formação de novas palavras do *corpus* deste estudo não basta apenas analisar o léxico, mas também entender a dimensão social do uso da linguagem, já que “a introdução, assimilação e circulação de um neologismo estão sujeitas, principalmente, a fatores históricos e socioculturais” (AZEREDO, 2008, p. 402).

### 3. Análise linguística e os recursos para avaliação

As análises deste estudo dar-se-ão sob a perspectiva sociossemiótica da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A LSF estuda a linguagem no espectro de um sistema de escolhas, no qual os falantes/escritores têm à disposição uma gama de palavras e construções. Tal escolha, conscientemente ou não, é feita de modo não arbitrário, ou seja, depende da situação, do interlocutor e do contexto. Essas escolhas feitas no nível léxico-gramatical produzem efeitos no nível semântico-discursivo, refletindo posições ideológicas, bem como avaliativas, sobre pessoas, coisas, fenômenos em certa comunidade e/ou no mundo.

As escolhas linguísticas que indicam uma avaliação, sejam de aprovação ou desaprovação, afetuosa ou odiosa (HALLIDAY, 1994), são instanciadas no texto e podem ser identificadas por adjetivos, advérbios, epítetos, atributos e circunstâncias, pronomes, elementos de coesão (repetição, colocação) e processos (verbos) (LIMA-LOPES; VIAN JR., 2007). Embora os estudos sobre LSF tenham se concentrado mais na análise da oração e do complexo oracional, neste artigo, assim como no trabalho de Schlee e Costa (2021), o foco será “a estruturação dos grupos que desempenham funções no estrato léxico-gramatical, a sua composição por meio de palavras e a

composição destas por morfemas” (SCHLEE e COSTA 2021, p. 1), não perdendo o balizamento da perspectiva funcional da linguagem.

Para analisar esses morfemas que, na criação neológica, expressam uma avaliação, será considerado o sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), o qual viabiliza subsistemas de análises linguísticas para agrupar e categorizar as marcas avaliativas. Como o objetivo desta pesquisa é entender como são feitas as avaliações do mundo por meio da linguagem, então dentro do complexo sistema de Avaliatividade será levado em consideração o subsistema atitude, mais especificamente seus campos semânticos: julgamento e afeto. Este em avaliações que demonstrem, principalmente, carinho ou ódio; aquele em avaliações sobre o comportamento humano, aprovando ou desaprovando. Neste escopo não será considerado o subsistema apreciação, já que este envolve avaliações de coisas ou fenômenos e aqui a preocupação maior é com a avaliação de pessoas.

No campo semântico do afeto, há outros três subsistemas: (in)felicidade, que revela se o sujeito está feliz ou triste, ou ainda o quanto gosta ou não gosta de alguém ou de alguma situação; (in)segurança, mostra se o falante/escritor sente-se protegido ou desprotegido em relação a alguém ou algo; (in)satisfação evidencia se o enunciador está realizado ou frustrado diante de um objetivo (não)alcançado por ele ou por outra pessoa.

Já o campo semântico do julgamento, divide-se em outros cinco subsistemas: normalidade, capacidade e tenacidade são considerados julgamentos de estima social, pois indivíduos são exaltados ou rebaixados de acordo com valores e crenças de uma comunidade; já propriedade e veracidade, são julgamentos de sanção social, pois é levado em consideração um conjunto de regras ou regulamentos, morais ou legais, estabelecidos explícita ou implicitamente por uma cultura e os indivíduos que rompem essas regras sofrem uma sanção (WHITE, 2004).

Em síntese, cada um desses subsistemas do julgamento pode ser definido assim: a veracidade está ligada à verdade, sinceridade e honestidade; a propriedade diz respeito aos princípios éticos; a normalidade envolve o julgamento de atitudes inesperadas, estranhas ou pouco usuais; a capacidade avalia se alguém é capaz física ou intelectualmente; por fim, a tenacidade diz respeito à determinação do indivíduo avaliado para resolver algo.

#### 4. Construção do corpus

Entre os dias 17 e 18 de outubro de 2018, período próximo ao segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, foi coletado um conjunto de postagens e seus textos, além de 3.776 comentários referentes a essas postagens. Os dados foram extraídos de uma página de verificação de notícias, a Agência Lupa, disponível no *Facebook*<sup>3</sup>, utilizando-se o *software* Netvizz (ROGERS, s.d.), o qual é capaz de coletar dados de páginas, grupos e perfis disponíveis em modo público. Nesses dois dias, as notícias publicadas pela Agência Lupa versavam sobre: (i) verificação da veracidade dos discursos dos candidatos, Fernando Haddad, Jair Bolsonaro, Eduardo

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/LupaNews>. Acesso em: 17 out. 2018.

Paes e Wilson Witzel, em entrevistas concedidas a telejornais; (ii) checagem dos discursos dos candidatos, Ibaneis Rocha e Rodrigo Rollemberg, em um debate; (iii) resultado da averiguação de informações e imagens que circulavam em grupos de WhatsApp; (iv) análise do comparativo feito por Jair Bolsonaro entre seu plano de governo e de Fernando Haddad. Além disso, houve também três publicações acerca do papel do jornalismo e da própria agência de checagem.

O passo seguinte foi filtrar dentre os comentários aqueles que continham ao menos um neologismo como forma de avaliação negativa de candidatos e/ou de seus apoiadores. Esse processo foi manual e realizado em planilha eletrônica, obtendo-se 86 comentários. Em seguida, foram identificadas e catalogadas as categorias de análise: (1) Lula; (2) apoiadores do PT; (3) Fernando Haddad; (4) Jair Bolsonaro; (5) apoiadores do candidato Jair Bolsonaro. A Rodrigo Rollemberg foram atribuídos três neologismos, mas optou-se por não os incluir neste artigo, visto que não houve menção ao candidato adversário e isso poderia prejudicar a imparcialidade da pesquisa.

Ressalta-se que alguns neologismos expressavam a mesma intenção comunicativa, mas com grafias diferentes. As palavras semelhantes encontram-se entre parênteses no quadro 1.

**QUADRO 1.** categorias de análise e neologismos avaliativos

<b>Categoria 1: Lula</b>	<b>Categoria 2: apoiadores do PT</b>	<b>Categoria 3: Haddad</b>	<b>Categoria 4: Bolsonaro</b>	<b>Categoria 5: apoiadores de Bolsonaro</b>
- Lularapio - Luladrão (Luladrao, luladraõ)	- Esquerdopata(s) - petralhas (PeTralhas, ptralhas, petralias) - petralhada(s) - petezada - petrecos	- Malddad (MalDade, Maldadd, MALDAD) - Raddad (radade) - Caddad	- Bolsolão - Bossalnaró - Bolsofakenaro (Bolsofake) - Bolçonauro - BolsoNazi (Bolsonazis) - Bozobosta - Lixoonario	- Bolsominions (bolssominions, bolsominios) - bolsoNaziminion - Bozominion(s) - bolZominion (bolZominionzumbi) - Bozonista - Direitopata

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

## 5. Resultados e discussões

Definidas as categorias de análise, então se iniciou a fase de análise linguística, sob a perspectiva teórico-metodológica do Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), bem como o suporte da gramática da língua portuguesa (CUNHA e CINTRA, 2016), mais especificamente o processo de formação de palavras.

A primeira categoria de análise diz respeito ao ex-presidente Lula<sup>4</sup>. Os exemplos 1 e 2 mostram as situações de uso.

<sup>4</sup> O ex-presidente Lula era o candidato do PT para concorrer às eleições presidenciais de 2018, até meados de setembro, quando teve o registro da candidatura rejeitado pelo TSE. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2018/noticia/2018/09/11/pt-anuncia-candidatura-de-fernando-haddad-a-presidencia-no-lugar-de-lula.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Ex.1: O seu candidato deixou milhões de desempregados *lularápio* tá preso roubou o Brasil... seu candidato mente o tempo todo... O meu não Bolsonaro continua firme na mesma tese não mudou. não roubou tem ficha limpa eh honesto... PT já era acorda

Ex. 2: Nós avisamos que ia ter limpeza no país! Eduardo Paes é soldado de *Luladrão* e amigo de Cabral

Em termos de criação lexicológica, tanto *Lularápio* quanto *Luladrão* passaram pelo processo de aglutinação: Lula + larápio e Lula + ladrão. A criação desses substantivos próprios faz com que os adjetivos larápio e ladrão ganhem funções de maior evidência. Nota-se, nesses exemplos, a forte intenção de associar o nome Lula a alguém que rouba e, portanto, não é ético. Esse tipo de avaliação em relação ao ex-presidente Lula também foi dominante em outros estudos (LIMA-LOPES et al., 2020; MERCURI, 2021). Para compreender melhor esse arranjo, é preciso recordar que foi em 2018, ano das eleições presidenciais, que o ex-presidente foi preso acusado de corrupção, com grande repercussão na mídia. Criou-se, então, um utópico antagonismo político: apoiar Lula significava ser corrupto vs. apoiar outro candidato significava ser honesto. Isso é reforçado pela escolha dos pronomes possessivos: *seu candidato*, *meu candidato*. Nesses exemplos, tanto os neologismos – *Luladrão*, *Lularápio* – quanto os comentários – *roubou o país*, *limpeza no país* [de corruptos] – refletem um julgamento de propriedade que questiona sua índole e honestidade. Tal questionamento leva, necessariamente, a uma representação negativa. Há ainda um julgamento de veracidade – *seu candidato mente o tempo todo* – que contribui para tal avaliação, uma vez que *mentir* possui uma carga intrínseca de negatividade.

A segunda categoria de análise, os apoiadores do PT, está retratada nos exemplos de 3 a 7:

Ex. 3: [...] Só pra lembrar sua citação ao soldado, ele está ferido. Um *esquerdopata* esfaqueou. A esquerda é bem calminha e não incita o ódio.

Ex. 4: Quem vive de mentiras é o Haddad e os *PeTralhas*, fora Luladrao! #PTnao #Bolsonaro17

Ex. 5: Fora *PETRECOS PETRALIAS* PETRECOS

Ex. 6: Adoro ver a *petezada* desesperada

Ex. 7: *Petralhada* tá tremendo na base 😂😂😂 Aceita Que dói menos 😊 Agora é Brasil contra Ladrões, Corruptos Bandidos, todos vão pra Cadeia 😂😂😂👉

No exemplo 3, há a palavra *esquerda*, denominando o grupo oposto ao do autor da postagem, em que a vogal final é trocada por *o*, para se referir ao indivíduo, com adição do sufixo *-pata* (derivação sufixal). O sufixo *-pata* denota o sentido de experienciar ou sofrer de alguma coisa (LOPES et al., 2016). Pela oração: *um esquerdopata o esfaqueou*<sup>5</sup>, nota-se que é atribuída ao indivíduo a anormalidade, aqui representada como seu posicionamento à esquerda. Num contexto mais amplo, como no estudo de Mercuri (2021), apoiar as ideologias da esquerda é tido como comportamento doentio, atribuindo-se, assim, uma avaliação negativa da normalidade.

<sup>5</sup> O candidato Jair Bolsonaro foi golpeado com uma faca durante a campanha eleitoral. O grupo que apoiava esse candidato atribuiu a autoria do atentado ao grupo opositor (esquerda), hipótese não comprovada pela justiça.

A oração que vem logo em seguida – *A esquerda é bem calminha e não incita o ódio* – reforça esta avaliação, uma vez que ela contém uma ironia ressaltando a intenção comunicativa exatamente oposta ao valor positivo de “calma”. Nessa oração, tal como no neologismo *esquerdopata*, identifica-se que a escolha linguística visa a criar um sentimento de insegurança em relação à esquerda, além de sua patologização.

Nota-se ainda que a sigla PT é sentida como palavra primitiva que deu origem às formas *petralhas* (e suas variações dispostas no quadro 1), *petrecos*, *petezada* e *petralhada*. Para a formação de *petralhas*, podem-se levantar duas hipóteses. Na primeira, ocorre o processo de composição por aglutinação, de PT (ou *petê*) com o nome *metralhas*, proveniente das personagens de quadrinhos “Irmãos Metralhas”<sup>6</sup>. Isso reforça o julgamento de propriedade em relação não só aos políticos do PT, mas também a todos seus eleitores. A outra hipótese é a sigla PT receber o vocábulo *tralhas* e, assim, há um sentimento de desprezo (não gostar) mesclado a um julgamento de capacidade, ao se considerar alguém inútil (*tralha*). Além disso, o uso de *petralhas* pode construir uma avaliação que associa o PT a uma quadrilha, assim como as personagens a quem o uso remete. Observando as orações do exemplo 4, nota-se um julgamento de veracidade – *quem vive de mentiras* – e de propriedade, com o uso de dois neologismos: *petralhas* e *Luladrao*. Destaca-se, ainda, a repetição no *corpus* da palavra *petralha* (e grafia similares) por vinte e uma vezes. Se por um lado, a repetição ajuda a reforçar o sentimento e avaliações negativas expressas nos comentários (Lima-Lopes, 2018), a presença de ladrão leva ao reforço da prosódia semântica negativa.

No exemplo 5, o léxico *petrecos* pode sugerir dois processos de formação. O primeiro seria a adição do sufixo *-eco* à sigla *-pt*, com a consoante de ligação *-r*, para denotar grau diminutivo em sentido pejorativo (LIMA e BARBOSA, 2011). O segundo seria a composição por aglutinação do neologismo *petralha* com o vocábulo *treco* (coisa desprezível). Ambas as hipóteses denotam um sentimento de não gostar, mas, se considerarmos a segunda hipótese, há ainda um julgamento de propriedade (advindo de irmãos metralhas). Junto a isso, nota-se um sentimento de insatisfação, explícito no advérbio *fora*, que completa esse comentário com uma representação de exclusão ou expulsão.

Em relação aos comentários 6 e 7, o sufixo *-ada* exprime, dentre outros significados, a ideia de filiação, um conjunto da mesma coisa ou descendência (PIRES, 2016). No emprego desse sufixo pelos autores dos comentários, há um tom pejorativo e essa escolha reforça a lógica do condomínio (SAFATLE, 2016): a intenção do autor é enfatizar o desprezo e um distanciamento a um grupo, ao qual ele não pertence. No primeiro caso, *petezada*, há um processo de derivação sufixal (*-ada*) à sigla *-pt*, com consoante de ligação *-z*: *petê + z + ada*; no segundo, *petralhada*, há uma criação neológica também por derivação sufixal, mas partindo de outro neologismo: *petralha*. Em consonância com o que se discutiu há pouco, a escolha do termo *petralhada* revela, ainda, a intenção de caracterizar o grupo opositor como bando, um conjunto de bandidos. Isso é reforçado pela frase que vem em seguida: *Brasil contra Ladrões*, que traz em si uma noção avaliativa pela oposição: *nós* (que não somos ladrões) representamos o Brasil contra *eles* (que

<sup>6</sup> Irmãos Metralhas (*The Beagle Boys*) é uma quadrilha de ladrões atrapalhados das histórias em quadrinhos e dos desenhos animados da Disney (WIKIPEDIA, s.d.).

representam os ladrões). Tanto no exemplo 6 como no exemplo 7, há explícitos sentimentos de felicidade e não solidariedade – *adoro ver* e emojis rindo – baseando--se no desespero ou medo do grupo oposto em perder as eleições.

Interessante notar, nesse conjunto de exemplos, outros recursos avaliativos. No exemplo 4, além da avaliatividade pela criação neológica, há a grafia que reforça a intenção avaliativa do autor. No caso de *PeTralhas*, há destaque para as letras P e T, sigla do partido dos trabalhadores. Esse recurso visual reforça a comunicação linguística e causa um impacto extra no leitor (CRYSTAL, 1997), seja pelo destaque tipográfico que traz, seja pela ideia de que, na comunicação mediada por computador, maiúsculas representam o ato de gritar. Nesse último, teríamos uma metáfora de expressão na qual o comentador parece levantar a voz durante as letras destacadas. Além de representar na escrita um efeito prosódico, a grafia em caixa alta, como no exemplo 5, também intensifica o não gostar. Outra situação semelhante é associar a palavra corrupto(s) à sigla PT, causando a impressão de que são indissociáveis:

Ex. 8: CorruPTosnuncamais #B17

Ex. 9: E onde o brasileiro irá buscar informação fidedigna, uma vez que a mídia brasileira é controlada pelo ParTido CorruPTo?

A respeito da terceira categoria de análise, o candidato à presidência Fernando Haddad, os neologismos e avaliações a ele atribuídos estão nos exemplos de 10 a 13:

Ex. 10: [...] me desculpem mas *malddad* é apenas um fantoche. um pau mandado do cachaceiro bandido, [...] o único interesse de continuar no poder é o de soltar o presidiário sujo e continuar a roubalheira [...].

Ex. 11: O *MalDade*, não adianta publicar planos de Governo, ninguém acredita. O PT, não tem crédito das pessoas de bem [...] dá suas aulas, nas faculdades, ditas públicas, passando sua ideologia para essa cambada, “comunistas caviar”.

Ex. 12: Vai criar radar na cadeia *raddad*

Ex. 13: Paes quer como todo corrupto, soltar os amigos presos, igualmente *CADDAD* quer soltar o bandido maior

No termo *malddad*, há uma substituição do sufixo -dade, que significa modo de ser (CUNHA e CINTRA, 2016), por parte do sobrenome do candidato, Haddad, provavelmente devido à proximidade sonora, a fim de insinuar que o modo de ser de Haddad representa o mal. Normalmente, esse sufixo é usado para a formação de substantivos abstratos, mas no exemplo acima, a junção de *mal + ddad* produziu um substantivo próprio. No comentário do exemplo 10, podemos perceber vários tipos de julgamentos a Haddad, tais como, capacidade: *é apenas um fantoche, um pau mandado do cachaceiro bandido* [ex-presidente Lula]; propriedade: *e continuar a roubalheira*; normalidade: *o único interesse de continuar no poder é soltar o presidiário sujo* [ex-presidente Lula].

No exemplo 11, não há um neologismo, visto que a palavra *MalDade* é descrita nos dicionários de língua portuguesa, significando qualidade do que é mal ou comportamento cruel.

Contudo, a grafia revela a junção de duas palavras: mal + Haddad, em que *ddad* se transforma no sufixo *-dade*, além do uso da letra *D*, em maiúscula, no centro da palavra, como se observou anteriormente. Nessas construções (*malddad* e *MalDade*), há um maniqueísmo subentendido: o termo “mal” opõe-se ao vocábulo “bem” em: *O PT não tem crédito das pessoas de bem*, mostrando não só a disputa entre dois grupos, mas também a pauta religiosa da campanha de Jair Bolsonaro. Ao ler todo comentário, também é possível identificar julgamentos de veracidade – *ninguém acredita* – e normalidade – *dá suas aulas [...] passando sua ideologia*.

Nos exemplos 12 e 13, a composição da palavra se dá por aglutinação: no primeiro, radar + Haddad = raddad; no segundo, cadeia + Haddad = caddad. No exemplo 12, o neologismo indica um julgamento de tenacidade<sup>7</sup> acompanhado, em seu contexto, por julgamento de propriedade – *na cadeia*. Já no exemplo 13, a referência à palavra cadeia só foi identificada pelo contexto. Tanto o neologismo quanto o complexo oracional expressam um julgamento de propriedade, ligado à corrupção. Interessante notar que, nesse caso, a pessoa de Haddad foi citada como parâmetro negativo ao se avaliar o candidato ao governo do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, ao passo que o ex-presidente Lula é referenciado como *bandido maior*, insinuando que ele seria o mentor dos outros políticos citados. Destaca-se, ainda, que nos exemplos 10, 11 e 13, Haddad não é avaliado por si só, mas por substituir Lula ou ser o candidato do PT, o que leva a pensar que qualquer pessoa que ocupasse esse lugar seria avaliada de maneira semelhante, mas com outros neologismos, dependendo do nome.

Para a quarta categoria de análise, o candidato Jair Bolsonaro, encontramos o maior número de ocorrências de neologismos, contudo serão analisados somente os vocábulos que tiveram mais de uma ocorrência no *corpus*, os quais se encontram nos exemplos de 14 a 17.

Ex. 14: *#caixa2bolsolão*. Queremos justiça.

Ex. 15: Inclusive são reis da manipulação vide o escândalo da quadrilha do *WhatsApp* comandada pelo *bossalnar*

Ex. 16: *BolsoFakenaro* mentiroso.

Ex. 17: *chega de BolsoNazi* 28 anos sem fazer nada só mamando do governo.

No exemplo 14, *bolsolão*, há um processo de aglutinação do nome Bolsonaro com outro neologismo, já incorporado nos dicionários de língua portuguesa: o *mensalão*<sup>8</sup>. O radical *mensal* reforça a periodicidade com que os políticos envolvidos recebiam a propina; já o sufixo *-ão*, que normalmente indica aumentativo, junta-se ao radical (derivação por sufixação), com o intuito de expressar o grande volume de dinheiro envolvido. Assim, ao criar um vocábulo utilizando esses dois termos (Bolsonaro + *mensalão*), há um julgamento de propriedade, comprovado pelo contexto de situação que envolvia denúncias de caixa 2, à época da campanha eleitoral. Apesar da necessidade de mais estudos para comprovação desta hipótese, pode-se perceber que o uso de *-salão* poderia representar um sufixo de identificação de corrupção em grande escala, sendo

<sup>7</sup> Fernando Haddad, quando prefeito de São Paulo, instalou radares nas marginais, a fim de diminuir acidentes.

<sup>8</sup> *Mensalão*: “designação de um escândalo que envolveu políticos, partidos e empresas públicas em práticas fraudulentas (2005-2006)” (SOUZA, 2015, p. 133).

que o significado seria especialmente atribuído ao uso do sufixo com nome de políticos ou partidos. Ou seja, esse uso poderia representar um processo de construção lexical que estaria ligado não apenas a questões morfológicas, mas também sociais, uma vez que sua utilização em outro contexto não evidenciaria o mesmo resultado.

Já o termo *bossalnaro* (exemplo 15), origina-se de uma aglutinação da palavra boçal com Bolsonaro. Não se sabe se o autor desconhece a ortografia dessa palavra ou se preferiu manter a letra *s* que também está presente em Bolsonaro. Ao juntar essa palavra ao nome do candidato, avaliou-se negativamente sua capacidade intelectual. No comentário em que o neologismo em questão foi aplicado, notam-se julgamentos de veracidade – *reis da manipulação* – e de propriedade – *quadrilha do WhatsApp*<sup>9</sup>.

Em *Bolsofakenaro*, no exemplo 16, há um processo por justaposição, pois não há perda fonética; mas é atípico, pois um léxico é colocado no meio de outro léxico. Essa escolha insinua que a mentira é intrínseca a Bolsonaro. A palavra *fake*, empréstimo do inglês, foi utilizada para expressar uma avaliação de veracidade, já que seu significado é fraude; algo ou alguém falso; falsificação. Como reforço desse julgamento, *Bolsofakenaro* vem acompanhado do vocábulo *mentiroso*, no comentário.

Em *BolsoNazi* (exemplo 17), pode-se considerar um processo de abreviação, considerando que Bolso se refere sempre a Bolsonaro e nazi, sempre ao Nazismo, e uma posterior justaposição (Bolso + Nazi), tal qual Lima-Lopes e Arruda (2021) sugerem em seu trabalho, ao analisar a palavra *Bolsomito*. Essa hipótese fica evidente com a grafia *BolsoNazi*, que enfatiza duas palavras pelas iniciais maiúsculas. Associar o nome do candidato à palavra nazi deve-se, muito provavelmente, por ele ser de extrema-direita e por suas declarações serem consideradas preconceituosas, o que traria uma certa semelhança com os nazistas alemães. A avaliação é negativa, explorando a não normalidade de um governo nos moldes do nazismo. A frase do exemplo 17 – *28 anos sem fazer nada* – revela não só um sentimento de insatisfação, pois esperava-se uma participação mais ativa, como também um julgamento de tenacidade, porque se o candidato não fez algo significativo pelo país em vinte e oito anos em que foi deputado, não seria capaz de resolver os problemas agora.

Os exemplos de 18 a 21 retratam alguns enunciados em que apareceram os neologismos endereçados aos apoiadores de Jair Bolsonaro.

Ex. 18: O mundo inteiro tá enganado... os *Bolsominions* é que estão ssertos!

Ex. 19: a única coisa verdadeira, mas verdadeira mesmo, é a estupidez dos *bozominions*.

Ex. 20: [...] Fiquei hoje procurando algum *bolZominionszumbi* que trouxesse argumentos plausíveis para votar nesse monstruoso apoiador de torturador mais desisto. Ou as pessoas estão anestesiadas, ou são mal intencionadas mesmo (robôs do jornal fakenews do *bolsoNazi*).  
Fui 🙄☐Paz

Ex. 21: o que que está manipulado ali *direitopata*, unico manipulado aqui são vcs.

<sup>9</sup> Faz referência à matéria da Folha de S. Paulo: Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp, publicada em outubro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2021.

A palavra *Bolsominions*, no exemplo 18, foi criada a partir do nome Bolsonaro com a junção da palavra *minions*<sup>10</sup> por um processo de justaposição. Na palavra *bolsominions*, há avaliação tanto de Bolsonaro (o vilão, o malvado) quanto de seus apoiadores, em algo que foge ao normal (apoiar o vilão, os lacaios do vilão). Além disso, a escolha da palavra *minion* também transparece um julgamento de capacidade (inferior), aquele que segue ordens sem refletir a respeito, que é reforçado pelo enunciado irônico – *O mundo inteiro tá enganado... os Bolsominions é que estão ssertos!* Vale destacar que, ao todo, foram dez ocorrências de léxicos contendo a palavra *minion*. Essas repetições podem ser uma tentativa de se estabelecer um estereótipo.

No exemplo 19, ao trocar o nome de Bolsonaro por Bozo<sup>11</sup>, questiona-se a normalidade das atitudes desse candidato à presidência. O processo de criação dessa palavra é por justaposição. No caso desse exemplo, *bozominion* seria aquele que serve o malvado/palhaço, ou seja, há um julgamento de normalidade e capacidade intelectual. Pelo comentário, extraem--se julgamentos de capacidade – *estupidez* – e de veracidade – *a única coisa verdadeira* (pelo contexto, sugere-se que são mentirosos).

No exemplo 20, a troca da letra *s* da abreviação *bolso* para a letra *z*, em *bolZo*, revela a intenção de correlação fonética tanto com o nome de Bolsonaro quanto de Bozo, o que leva a uma classificação por aglutinação das duas palavras. Além dessa base, há a junção da palavra *minion* e da palavra zumbi<sup>12</sup> (por justaposição). A palavra zumbi, nesse contexto, expressa um julgamento de normalidade e reforça uma avaliação negativa quanto à capacidade intelectual, já encontrada em *minion*, revelada também em uma expressão do comentário: *analfabeto funcional*. Nessa postagem, pode-se ressaltar também um julgamento ético: *mal intencionadas mesmo* e de veracidade: *robôs do jornal fakenews*.

Finalizando as análises com o exemplo 21, *direitopata* é resultado de derivação sufixal, semelhante ao visto anteriormente em *esquerdopata*, numa tentativa de se usar o mesmo critério avaliativo do grupo contrário, exaltando a dualidade e a polarização política. Além do julgamento de normalidade e do sentimento de insegurança que esse neologismo traz, há ainda um julgamento de capacidade no final do comentário: *unico manipulado aqui são vcs*.

## 6. Considerações finais

Este artigo analisou neologismos utilizados em mídia social para uma discussão política. A coleta de dados foi feita em uma página pública do *Facebook*, a da agência de checagem Lupa. Notou-se, contudo, que os comentários que acompanhavam as postagens dessa página, nos dias

<sup>10</sup> A palavra *minions* é um empréstimo estrangeiro e seu primeiro aparecimento é em um filme homônimo, datado de 2015. Nessa animação, *minions* são seres amarelos, cujo propósito de vida é servir aos vilões (WIKIPEDIA, s.d.).

<sup>11</sup> Bozo: nome de uma personagem, um palhaço, criado em 1946 nos Estados Unidos, introduzido no Brasil na década de 80 (WIKIPEDIA, s.d.). Destaca-se que no *corpus* a substituição do vocábulo Bolsonaro por Bozo ocorreu dezenove vezes, mas aqui foram considerados somente os casos em que Bozo fazia parte de um neologismo.

<sup>12</sup> Para o imaginário cultural e popular, zumbi é uma criatura cujo estereótipo se define como um cadáver reanimado, que vive a perambular e a agir de forma estranha e instintiva (WIKIPEDIA, s.d.).

17 e 18 de outubro, pouco discutiam sobre as matérias. Havia muitas expressões de ódio (afeto de infelicidade) acompanhadas de julgamentos.

Então, procurou-se focar em que tipos de julgamentos essas criações neológicas traziam, se elas reforçavam os julgamentos presentes na oração (ou complexo oracional) e qual era(m) o(s) processo(s) de formação de palavras envolvido(s) nessas criações.

Na categoria 1, ex-presidente Lula, houve apenas um processo e um julgamento: composição por aglutinação e propriedade, respectivamente. Da mesma maneira, os comentários que continham esses neologismos também expressavam um julgamento de propriedade, sempre relacionados a roubo e à corrupção. Esse resultado sugere um padrão de julgamento – também visto em outros trabalhos. A estratégia de repetição sistematizada de certos termos e da avaliação de propriedade, além de garantir a eficiência na propagação desse termo, gera uma assimilação de ideias: Lula igual ladrão, PT igual corrupto.

Nas outras categorias, houve processos de formação e/ou julgamento que predominassem, mas sem uma saliência expressiva para estabelecimento de padrões. A exceção é a categoria 3, Haddad, em que não houve um julgamento em destaque, o que se observou foram vários tipos em igual proporção e, nem sempre, eram para ele diretamente. Talvez pelo fato de, naquela época, ainda ser recente a notícia de que ele era o candidato do PT à presidência.

Também foi possível identificar nas demais categorias (de 2 a 5) que, na maioria dos comentários, o neologismo não vinha como um reforço ao julgamento expresso na oração (ou complexo oracional), mas sim adicionava um outro tipo de julgamento, enfatizando a avaliação negativa de uma pessoa ou grupo de pessoas. No entanto, a criação de léxicos, sobretudo com os nomes dos candidatos e dos partidos políticos, como *Malddad*, *petralhada* e *Bossalnaro*, parece favorecer a rotulação de pessoas e a assimilação delas com as avaliações contidas nesses neologismos.

Além das expressões de julgamentos, todos esses neologismos evidenciam afeto na categoria de infelicidade, um não gostar em diversos graus. Alguns ainda carregam afeto na categoria de insegurança, como *Luladrão* e *Bolsonazi*, seja em relação à pessoa, seja pelo seu modo de governar.

O uso repetitivo de alguns neologismos, sendo *petralha* (em suas diversas formas de escrita) o mais evidente, também sugere um processo mais produtivo do que criativo, revelando uma adoção em massa por um grupo como forma de marcar seu adversário e, ao mesmo tempo, criar uma afinidade identitária com o grupo.

Por fim, por ser uma prática linguística recorrente em mídias sociais, seria necessário um estudo mais longo, acompanhando outras páginas públicas em que haja manifestação política, para compreender os movimentos de avaliação, repetição e pertencimento.

## FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

## AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. Rodrigo Esteves de Lima Lopes pelas leituras e discussões no grupo de pesquisa, que me inspiraram para a escrita deste artigo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 2007.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha Houaiss, 2008.
- BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHAIÁ, V. L. M.; BRUGNAGO, F. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. Aurora. **Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 7, n. 21, p. 99-129, 2014.
- CRYSTAL, D. Towards a typographical linguistics. **Linguistics**, [s. l.], v. 17, p. 7-23, 1997.
- CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- DUBOIS, J. et alii. **Dictionnaire de linguistique**. Paris, Larousse, s.v, 1973.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Routledge, 1994.
- LIMA, B. C; BARBOSA, M. F. M. O Sufixo -eco sempre forma diminutivos com valor pejorativo no PB? **Domínios de Lingu@gem**, v. 5, n. 2, 2011.
- LIMA-LOPES, R. E. O conservadorismo como ideologia: contribuições da ciência das redes para a Linguística Sistêmico-Funcional. **Letras**, n. 56, p. 42-70, 2018.
- LIMA-LOPES, R. E.; ARRUDA, C. P. Estratégias de gradação em comentários de um vídeo no Youtube. **Organon**, v. 36, n. 71, p. 91-115, 2021.
- LIMA-LOPES, R; MERCURI, K. T; GABARDO, M. Avaliatividade em comentários sobre postagens dedicadas à verificação de notícias falsas nas eleições presidenciais de 2018. **Cadernos de Linguística**, v. 4, n.1, p. 1-25, 2020.
- LIMA-LOPES, R. E.; VIAN JR, O. The Language of Evaluation (resenha). **Revista D.E.L.T.A**, v. 2, n. 23, p. 371-381, 2007.
- LOPES, F. C; SCHMICHECK, J. V; SANTOS, L. M. Formação de novas palavras no português brasileiro através da internet, do movimento feminista e dos debates políticos. **Revista Versalete**, v. 4, n. 7, 2016.



- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. **The Language of Evaluation**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005. v. 2.
- MERCURI, K. T. Mídia na mira: julgamentos e discursos de ódio disseminados por *hashtag* no Twitter. **Organon**, v. 36, n. 71, p. 158-176, 2021.
- MERCURI, K. T; LIMA-LOPES, R. E. Discurso de ódio em mídias sociais como estratégia de persuasão popular. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 2, p. 1216-1238, 2020.
- MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa** (*online*). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 06 out. 2021.
- PIRES, C. C. **Epêntese consonantal em contexto de juntura morfêmica**: considerações sobre o sufixo -ada. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- SAFATLE, V. P. **A lógica do condomínio** (2016). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9mUm-ZQ6o8mk>. Acesso em: 28 jun. 2016.
- SCHLEE, M. B; COSTA, T. A. Formações neológicas do português brasileiro contemporâneo com sufixo -aço: uma abordagem funcional. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 65, 2021.
- SOUZA, A. J. **Lexicalização e neologismo**: análise funcional em corpus digital. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- WHITE, P. Valoração – A Linguagem da Avaliação e da Perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 178-205, 2004.
- WIKPÉDIA. **Enciclopédia colaborativa, universal e multilíngue**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:página\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:página_principal). Acesso: 06 out. 2021.